

## **A CATEGORIA GRAU NA SALA DE AULA: DO LIVRO DIDÁTICO À ABORDAGEM FUNCIONALISTA**

*THE CATEGORY OF DEGREE IN THE CLASSROOM: FROM THE TEXTBOOK TO THE  
FUNCTIONAL APPROACH*

**Edvaldo Balduino Bispo<sup>1</sup>, Tiago Caian<sup>2</sup>, Ronan Felipe Mafra<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> *Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil  
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)  
<https://orcid.org/0000-0002-5607-3407>  
[edbbispo@gmail.com](mailto:edbbispo@gmail.com)*

<sup>2</sup> *Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0002-0809-9418>  
[tiagocaian1@gmail.com](mailto:tiagocaian1@gmail.com)*

<sup>3</sup> *Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0001-7782-3521>  
[mafraronan@gmail.com](mailto:mafraronan@gmail.com)*

*Recebido em 26 set. 2023*

*Aceito em 10 dez. 2023*

**Resumo:** Focalizamos, neste artigo, o tratamento da categoria grau no âmbito da Educação Básica. Objetivamos discutir a abordagem feita por livros didáticos de Língua Portuguesa (LDP) e apresentar proposta de trabalho com essa categoria em turma do Ensino Fundamental sob a perspectiva funcionalista. Para tanto, fundamentamo-nos na Linguística Funcional norte-americana (Givón, 1995; Furtado da Cunha, 2008; Martelotta, 2011) e em sua correlação com as orientações oficiais para o ensino de língua portuguesa (LP) no contexto brasileiro, conforme Oliveira e Cezario (2007), Bispo, Cordeiro e Lucena (2022). Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo-explicativo e interpretativista. A análise dos LDP mostra que o estudo do grau está diretamente relacionado à flexão/variação de determinadas classes gramaticais, sobretudo substantivo e adjetivo, e se dá por meio de palavras e frases isoladas ou inseridas em textos tomados como pretexto para o estudo da categoria em foco. A proposta didática aqui delineada possibilita trabalhar o grau, considerando seu funcionamento em textos autênticos e relacionados à realidade dos alunos. Esse procedimento permite uma aprendizagem mais significativa, entre outras coisas, por tomar como referência a mobilização de recursos linguísticos para a construção de sentidos e para o alcance de determinados objetivos comunicativos. Assenta-se, portanto, na relação estreita entre forma e função, conforme assumido pela perspectiva teórica que lhe dá suporte.

**Palavras-chave:** Linguística funcional. Ensino de Língua Portuguesa. Análise linguística/semiótica. Livro didático. Categoria grau.

**Abstract:** In this paper, we focus on the approach of the category of degree in elementary school. We aim to discuss the approach taken by Portuguese language textbooks (LDPs) and present a proposal for teaching the category of degree in elementary school classes on a functional approach. Our theoretical support is the North American Functional Linguistics (Givón, 1995; Furtado da Cunha, 2008; Martelotta, 2011) and its correlation with the official guidelines for teaching Portuguese language (LP) in Brazil, according to Oliveira and Cezario (2007), and Bispo, Cordeiro and Lucena (2022). It is a descriptive, explanatory and interpretative study. The analysis of the LDPs shows that the study of degree is directly related to the inflection/variation of some grammatical classes, especially nouns and adjectives, and takes place through isolated words and sentences or in texts used as pretext for the study of the category. Our didactic proposal allows the teacher to teach about degree, considering how it functions in authentic texts and related to the students' reality. This procedure allows a more meaningful learning, among other things, by taking as reference the mobilization of linguistic resources for the construction of meaning and the achievement of communicative goals. Therefore, it is based on the close relationship between form and function, as assumed by the theoretical perspective that supports it.

**Keywords:** Functional Linguistics. Portuguese Language teaching. Linguistic/semiotic analysis. Textbook. Category of degree.

## INTRODUÇÃO

A discussão sobre o ensino de gramática no espaço escolar vem de longa data. Desde meados da década de 1980, pelo menos, tem-se discutido, no âmbito da linguística brasileira, a consequência de um trabalho calcado majoritariamente na perspectiva normativa. Também tem se desenvolvido uma proposta de revisão crítica dessa prática, no sentido de questioná-la e de apresentar um modo alternativo de abordagem de fenômenos linguísticos, particularmente aliado às atividades de leitura e de produção de textos como práticas sociais significativas e integradas.

Com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil, 1998), o ensino de gramática ganhou, pelo menos em termos de diretrizes oficiais, nova dimensão. Os PCN destacam três eixos para o ensino de Língua Portuguesa (LP): leitura/escuta, produção de textos e prática de análise linguística. Esta última envolve o que comumente se entende por ensino de gramática. Essa prática de análise linguística, segundo as orientações curriculares, deve fundamentar-se na tríade uso-reflexão-uso. Como resultado dessa nova visão para o tratamento de tópicos gramaticais no espaço escolar, tem-se buscado formas de promoção de um ensino de língua voltado às práticas de leitura e de escrita, com vistas a aprimorar habilidades linguísticas dos educandos atinentes a essas práticas.

Diversos estudiosos, a exemplo de Geraldi (1984), Neves (2010), Mendonça (2006), Antunes (2003; 2007), defendem que a ação didático-pedagógica nas aulas de língua materna deve estar alicerçada numa perspectiva de língua em seu efetivo uso pelos sujeitos engajados nas situações sociocomunicativas. Desse modo, os fatos gramaticais devem ser questionados, investigados e atestados de acordo com o uso que os falantes fazem nas diversas práticas discursivas.

O mais recente documento curricular norteador do ensino básico, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), destaca que os conteúdos gramaticais devem ser estudados considerando-se a importância que têm para a leitura, a escuta e a produção de textos. Nessa direção, tais conteúdos são

redimensionados em termos de relevância, propondo-se um trabalho calcado em práticas de análise linguística/semiótica nas quais se promova uma reflexão sobre os efeitos semântico-pragmáticos e textual-discursivos dos mecanismos linguísticos recrutados para a construção de textos autênticos.

Nessa direção, defende-se que os conteúdos gramaticais sejam abordados em práticas de análise linguística, tomando por referência textos efetivamente produzidos. A análise linguística, assim, constitui um dos eixos básicos do ensino de língua materna, ao lado da leitura, da escuta e da produção de textos. Ambientados nesse cenário, focalizamos, neste artigo, a categoria grau, em termos de sua caracterização funcional e modos de expressão, bem como de seu tratamento no ambiente escolar.

A abordagem do grau como categoria linguística não é nova. De modo geral, as gramáticas tradicionais tratam essa categoria no âmbito da flexão de classes gramaticais (substantivo, adjetivo, advérbio e, raramente, verbo). Nessa perspectiva, o grau é visto como um mecanismo morfológico que imprime, nas classes a que se vincula, incremento semântico vários: aumento ou diminuição de um referente (*chapelão*, *chapeuzinho*), intensidade para mais ou para menos de um conteúdo já graduado ou não (*belíssimo*, *devagarinho*), afetividade (*amorzão*, *filhinho*), pejoratividade, ofensa (*gentinha*, *porcalhão*), entre outros valores, conforme Cunha e Cintra (1985), Rocha Lima (1994) e Almeida (1999), para citar alguns.

Neste artigo, contudo, alinhamo-nos a investigações que se ocuparam das estratégias de graduação e de suas motivações em perspectiva funcional. Assumimos com Silva (2008, 2014) que o grau consiste num fenômeno semântico-cognitivo e discursivo-pragmático que envolve o encarecimento, em termos escalares, do conteúdo básico de um elemento referencial, de uma qualidade, de uma circunstância, de um evento ou de um estado geral de coisas. Tal acréscimo semântico pode manifestar-se por meio de diferentes configurações formais, em termos fonético-fonológicos, morfossintáticos, lexicais e textuais.

Considerando os diferentes valores semânticos veiculados pelo grau, Silva (2014) propõe a seguinte tipologia: grau dimensivo (*apartamento grande*), intensivo (*super amoroso*, *belíssima*), quantitativo (*muito macarrão* no prato), hierárquico (*candidato de alta qualificação*), avaliativo (Foi um *Jogão!*) e afetivo (você é meu *filhinho*). Conforme o autor, esses tipos semânticos distribuem-se, num *continuum*,

em operações que podem estar mais atreladas ao campo da concretude – como o grau de o dimensivo e o quantitativo – ou ao campo da abstração – como o intensivo, o hierárquico, o avaliativo e o afetivo.

Norteiam as discussões aqui empreendidas os seguintes objetivos: (i) examinar a abordagem da categoria grau em livros didáticos adotados na rede pública potiguar; (ii) sugerir encaminhamentos didáticos para a abordagem desse tópico em turmas do Ensino Fundamental, levando em consideração o uso efetivo da língua. Para tanto, fundamentamo-nos na Linguística Funcional norte-americana (LF, daqui em diante) e em sua interface com o ensino de Língua Portuguesa, conforme proposto por Bispo, Cordeiro e Lucena (2022).

Desenvolvemos uma pesquisa de natureza descritivo-explicativa, com abordagem qualitativo-interpretativista (Silva, 2004; Lakatos e Marconi, 2010). Procedemos à análise de duas coleções didáticas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental adotadas na rede pública norte-rio-grandense – *Tecendo Linguagens* e *Se liga na língua* –, particularmente quanto à abordagem do grau. Delineamos proposta de tratamento do grau em turmas da Educação Básica sob uma perspectiva funcionalista associada às orientações curriculares oficiais.

Além desta introdução, o artigo conta com mais quatro seções. Na próxima, fazemos uma breve caracterização da LF e de sua interface com o ensino de Língua Portuguesa, focalizando pontos de convergência entre premissas funcionalistas e orientações curriculares nacionais. A outra seção é dedicada à abordagem da categoria em estudo em livros didáticos de Língua Portuguesa. Na seção seguinte, apresentamos encaminhamentos didáticos para o tratamento do grau em turmas do Ensino Fundamental (EF), alicerçado em premissas funcionalistas conjugadas às diretrizes curriculares nacionais. Na última seção, explicitamos as considerações finais.

## **LASTRO TEÓRICO**

Fundamentamos este trabalho no Funcionalismo Linguístico, mais particularmente na vertente norte-americana. A LF defende a estreita relação entre uso linguístico e estrutura gramatical. Postula que os recursos linguísticos (fonético-fonológicos e morfossintáticos) são mobilizados para atender a necessidades

comunicativas (semânticas e/ou pragmáticas) e cognitivas (a conceitualização, o modo como se dá essa conceitualização, a expansão de significado etc.).

Nesse contexto teórico, a língua é compreendida como um instrumento de interação social (Givón, 1995), um sistema adaptativo complexo (Du Bois, 1985; Bybee, 2010), sujeito a demandas interacionais e cognitivas. Desse modo, busca-se, na situação comunicativa, a motivação para os diferentes fatos linguísticos. Defende-se, na LF, a integração e a interdependência dos planos morfossintático, semântico e pragmático (Furtado da Cunha; Costa e Cezario, 2015).

A gramática de uma língua natural, por sua vez, é compreendida como um conjunto de padrões linguísticos regulares e de outros em processo de regularização. Resulta da sedimentação de rotinas interacionais convencionalizadas com base nas experiências humanas com a língua em situações reais de comunicação.

Dada essa visão de língua e de gramática, as investigações funcionalistas baseiam-se no uso linguístico efetivo. Levam em conta a atuação de fatores de natureza múltipla (estruturais, sociocomunicativos, cognitivos e históricos) na configuração das línguas naturais. Nessa direção, podemos identificar, conforme defendem Bispo, Cordeiro e Lucena (2022), aproximações com as orientações curriculares oficiais para o ensino de Língua Portuguesa. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998), por exemplo, destacam que as atividades de reflexão e análise linguísticas devem evidenciar a língua em uso, as diferentes possibilidades de expressão e os efeitos de sentido decorrentes das escolhas léxico-gramaticais. A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018) corrobora essa visão ao entender a gramática como um conjunto de possibilidades que o falante encontra na língua para estruturar o seu enunciado, em função dos efeitos de sentido que pretende imprimir na composição dos textos.

Bispo, Cordeiro e Lucena (2022), baseados em trabalhos como os de Oliveira e Cezario (2007) e Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2014), assim sintetizam pontos de interseção entre LF e orientações curriculares oficiais: i) a concepção de língua como uma atividade social, estreitamente ligada ao ato comunicativo e por ele contingenciada; ii) o estudo da materialidade linguística calcado no uso, considerando todos os elementos constituintes da situação comunicativa na organização dos textos; iii) o respeito à pluralidade linguística que caracteriza

nossas comunidades de fala; iv) a relação estabelecida entre categorias analíticas do Funcionalismo, como iconicidade e marcação, e objetos de ensino de língua portuguesa.

Acompanhando esses pesquisadores, sustentamos que o Funcionalismo pode contribuir para o ensino de tópicos gramaticais nos níveis fundamental e médio. Essa contribuição pode dar-se tanto em termos de subsídios teóricos para a ampliação do conhecimento do professor sobre a estrutura e o funcionamento da língua quanto em termos de desdobramentos para a prática pedagógica. Essa vertente teórica pode servir à fundamentação de um ensino produtivo de gramática, que permita ao estudante analisar a mobilização de recursos linguísticos (fonético-fonológicos e morfossintáticos) para atender a necessidades comunicativas (semânticas e pragmáticas), estando, desse modo, a serviço da leitura/escuta e produção de textos. No que diz respeito a encaminhamentos para a ação docente em sala de aula, destacamos os trabalhos de Bispo (2007, 2009), Silva (2008), Furtado da Cunha e Bispo (2012), Bispo e Furtado da Cunha (2022), Bispo e Cordeiro (2023), os quais apresentam sugestões de tratamento de fenômenos linguísticos específicos no contexto escolar. Outros trabalhos envolvem a elaboração e a aplicação de intervenção pedagógica em turmas da Educação Básica, de que são exemplo Amurim (2018) e Silva (2020).

O trabalho com fenômenos gramaticais em sala de aula de Língua Portuguesa numa abordagem funcionalista implica tomar o texto como ponto de partida e de chegada. É por meio de textos autênticos, produzidos nas mais diferentes práticas sociais situadas, que mobilizamos os distintos recursos linguísticos para a produção de sentidos e para o alcance de propósitos comunicativos. É nessa perspectiva que explicitamos, na seção 4, proposta de tratamento do grau, na interação morfossintaxe, semântica e pragmática, em associação às práticas de leitura/escuta e produção de texto.

## **O GRAU EM LIVROS DIDÁTICOS DE LP**

A fim de oferecermos uma visão panorâmica da abordagem da categoria grau em contexto escolar, nesta seção, procedemos à análise de duas coleções didáticas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental adotadas pela maioria das escolas

públicas potiguaras no PNL 2020-2023. São elas: *Tecendo linguagens* (Oliveira e Araújo, 2018), da Editora IBEP, e *Se liga na língua* (Ormundo e Siniscalchi, 2018), da Editora Moderna.

Ambas as coleções são estruturadas com base em diretrizes normativas da BNCC e se organizam com foco em competências e habilidades a serem desenvolvidas pelo alunado. Tanto a *Tecendo linguagens* quanto a *Se liga na língua* compõem-se de 8 capítulos, os quais contemplam os quatro eixos em que organiza o ensino de LP: a leitura, a oralidade, a produção de textos e a análise linguística/semiótica. Como nosso objetivo consiste em analisar a abordagem da categoria grau na obra, elegemos o volume relativo ao 6º ano, em que esse assunto é tratado. No caso da coleção *Tecendo linguagens*, focalizaremos os capítulos 1 e 2, nos quais o grau do substantivo e o do adjetivo, respectivamente, são postos para estudo.

Na obra, o tratamento dado ao grau segue a abordagem da gramática tradicional, sendo tomado como um fenômeno linguístico atrelado a classes gramaticais específicas. A categoria aqui focalizada é explorada por meio do estudo de propriedades flexionais dos substantivos e dos adjetivos. Nessa linha, para os autores, o grau funciona como uma propriedade de flexão das palavras, assemelhando-se à flexão de gênero e de número.

O ensino da flexão, no livro, é feito pela retomada de um trecho de texto já lido, exemplar de algum gênero discursivo, a partir do qual são feitas questões em que o discente é levado a identificar palavras da classe gramatical em foco e identificar nelas propriedades dadas como flexão. No caso do grau dos substantivos, há, no capítulo 1 da obra *Tecendo linguagens*, o seguinte movimento didático: (i) apresentação do grau, em um box de informações, como propriedade de flexão, sendo passível de classificação como aumentativo ou diminutivo (cf. Figura 1); (ii) como aplicação do conhecimento, há uma retomada de trechos da autobiografia da ativista Malala Yousafzai para leitura; há uma seleção de algumas palavras isoladas do trecho, sobre as quais são feitas questões relativas ao grau (cf. Figura 2).

**Fig. 1: Abordagem do grau do substantivo na obra *Tecendo linguagens***

### Flexão de grau

1. Se os substantivos *avô* e *pai* estivessem no diminutivo (*avozinho* e *paizinho*), isso alteraria o sentido da frase? *Sim, pois seria uma forma mais carinhosa de se referir ao avô e ao pai.*

Os substantivos variam em **grau**, podendo aparecer no **augmentativo** ou no **diminutivo**.  
Exemplos:  
paizão → grau aumentativo  
avozinho → grau diminutivo

Fonte: Oliveira e Araújo, 2018, p. 31

### Fig. 2: Atividade sobre o grau do substantivo na obra *Tecendo linguagens*

3. Os substantivos usados no grau diminutivo podem expressar várias ideias, além de tamanho, dependendo da intenção comunicativa de quem os emprega no texto. Leia as frases abaixo e observe as palavras que estão destacadas nos parênteses. Que sentido o uso dessas palavras no diminutivo poderia adquirir em determinados contextos, além de expressar tamanho?
- a) "Li que quase metade das crianças (**criancinhas**) continuam fora da escola na província."  
a) Poderia indicar tamanho, informando que se trata de crianças bem pequenas, mas também poderia ser uma forma carinhosa de se referir a elas.
- b) A estudante mora com a mãe (**mãezinha**) no Reino Unido.  
No caso de *mãezinha*, o diminutivo tem um valor carinhoso.
- c) A notícia foi divulgada por um jornal (**jornalzinho**).

Fonte: Oliveira; Araújo, 2018, p. 32

Na figura 1, especificamente no box, vemos que o grau do substantivo é abordado apenas em seu aspecto dimensivo, sendo subclassificado em aumentativo e diminutivo. Todavia, os exemplos dados tornam-se pouco adequados à explicação do assunto, haja vista que os referentes de 'avozinho' e 'paizinho', em termos de verossimilhança, são menos prototípicos para representar grau dimensivo diminutivo; tampouco há menção sobre a possibilidade de o grau tomar uma nova nuance semântica, nesse caso, de valor afetivo. Assim, as classificações propostas mostram-se limitadas, e os exemplos, superficiais, uma vez que são tomadas palavras isoladas, sem um contexto linguístico que possa contribuir para a construção de sentido que indexe, nas formas, nuances efetivas de graduação.

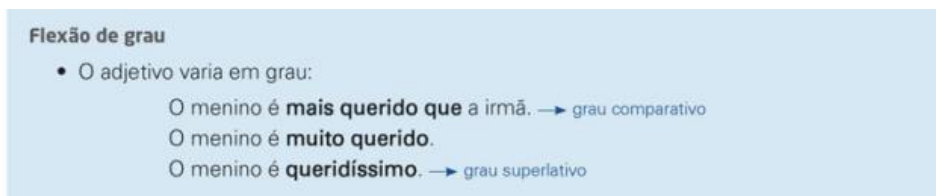
Ainda na figura 1, o comando de questão feito também é passível de crítica, porque a pergunta parte de uma alteração *ad hoc*: mudam-se as palavras 'avô' para 'avozinho' e 'pai' para 'paizinho', a fim de extrair dos estudantes a percepção sobre a mudança de sentido, com viés de afeto, que ocorre de uma forma para outra. Esse objetivo, apesar de positivo, por buscar no alunado uma intuição mais epilinguística,

é falha, porque não evidencia um contexto em que o grau afetivo, conforme a classificação de Silva (2008, 2014), de fato, se apresenta.

Na figura 2, por outro lado, há um comando de questão mais explicativo, mostrando possibilidades de novas funções semânticas aplicáveis a formas representantes do grau aumentativo ou do diminutivo. O uso de excertos da autobiografia de Malala também garante mais contexto para análise por parte do alunado. No entanto, ainda vemos uma atividade que utiliza trechos de textos autênticos apenas como “pretexto” para focalizar a categoria grau, desconsiderando sua contribuição semântico-pragmática.

Na abordagem do grau do adjetivo, no capítulo 2, os autores repetem a dinâmica aplicada aos substantivos: (i) apresentação do grau, em um box de informações, como propriedade de flexão, sendo o grau passível de ser classificado em comparativo e superlativo (cf. Figura 3); (ii) aplicação do conhecimento com base em questões sobre grau, as quais surgem de um trecho de um poema (cf. Figura 4). Observemos a seguir.

**Fig. 3: Abordagem do grau do adjetivo na obra *Tecendo linguagens***



Fonte: Oliveira; Araújo, 2018, p. 56

**Fig. 4: Atividade sobre o grau do adjetivo na obra *Tecendo linguagens***

1. Releia esta estrofe do poema “Diversidade”.

Um é magrelo  
 Outro é **gordinho**  
 Um é castanho  
 Outro é **ruivinho**

- a) Quais adjetivos deram origem às palavras destacadas nessa estrofe? *Os adjetivos gordo e ruivo.*
- b) Levante hipóteses: Que efeito produz no texto o uso desses adjetivos acrescidos da terminação **-inho**? *O uso desses adjetivos acrescidos da terminação -inho remete à ideia de que o eu lírico se refere às pessoas de forma carinhosa.*

Fonte: Oliveira; Araújo, 2018, p. 56

Ao fazermos a leitura do conteúdo disponível na figura 3, vemos a confirmação da abordagem do grau como um mecanismo flexional<sup>1</sup>, no caso em questão, do adjetivo. Especificamente, os autores focalizam, em consonância com a gramática tradicional, o grau comparativo e superlativo, mais uma vez, com exemplos isolados.

No mais, ao focalizarmos as perguntas feitas na figura 4, vemos a tendência a uma postura em que o texto serve muito mais de suporte para o trabalho de um tópico gramatical, quando, na verdade, a análise desse tópico deveria funcionar como um meio para a construção do sentido global do texto. Ainda assim, vale destacarmos que, se compararmos a questão 'b' com as perguntas relativas ao grau do substantivo, apresentadas nas figuras 1 e 2, vemos um sutil avanço, visto que os autores elaboram um exercício que faz o estudante analisar o impacto do valor semântico da terminação “-inho” sobre os versos da estrofe recortada. Assim, vemos uma postura menos *ad hoc* por meio dos propositores da questão; vemos, também, uma pergunta em que a reflexão sobre o grau tem conexão com o sentido do texto lido.

Na coleção *Se liga na língua*, o conteúdo referente ao grau do substantivo é apresentado no capítulo 4, na seção “Mais da língua” – seção que introduz tópicos específicos de análise linguística. Os autores abordam o grau a partir do rótulo “variação”, e não “flexão”.

Assim como para o *Tecendo Linguagens*, no âmbito do estudo dos substantivos, focalizam-se três subclassificações para o grau: normal, diminutivo e aumentativo. São apresentadas duas possibilidades de formação de expressões substantivas com grau: as com acréscimo de sufixo e as que decorrem da combinação de substantivos com adjetivos. Para a primeira, os autores exibem, como ilustração, apenas quatro itens lexicais (casa, menino, boca e forno) e suas variações para diminutivo e aumentativo. Já para a segunda possibilidade de codificação, apresentam três adjetivos para grau diminutivo (minúscula, pequena e reduzido) e quatro para aumentativo (enorme, grande, imenso, gigantesco), sem explorar, por exemplo, nuances de significado implicadas no uso de cada indexador adjetival.

---

<sup>1</sup> Os autores da obra em análise ignoram a profícua discussão sobre a natureza do grau, seja como fenômeno flexional – posicionamento alinhado às gramáticas tradicionais – ou como derivacional – posicionamento alinhado às pesquisas linguísticas. Esse debate é válido de ser mencionado no contexto escolar. Sobre o assunto, recomendamos a consulta a Gonçalves (2007).

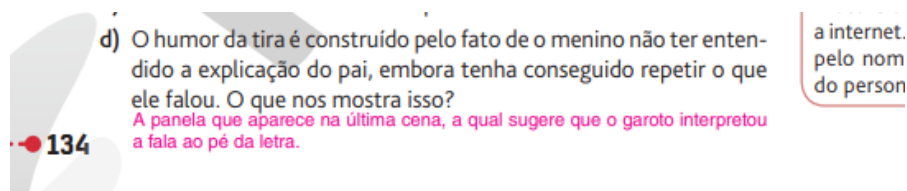
Após a rápida exposição, segue uma atividade intitulada “Flexão e variação do substantivo na prática”, constituída por sete questões discursivas, elaboradas, cada uma, a partir de um exemplar de gêneros textuais diversos. As duas últimas solicitam aos alunos o conhecimento das noções de grau estudadas. Na atividade 6 (figuras 5, 6 e 7), a partir de uma tirinha de Armandinho, os alunos precisam compreender dois usos/duas significações para a palavra “panelinha”, de forma a acessarem adequadamente a intenção comunicativa do texto em provocar humor: o uso do item para designar um grupo de pessoas afins e o uso em que predomina a noção de grau diminutivo (parafraseável por “panela pequena”); no texto, esta última noção é a única que o personagem Armandinho revela conhecer. Nos itens “6d”, “6e” e “6f” são mobilizados mais direcionadamente conhecimentos relativos ao aspecto dimensivo do grau.

**Fig. 5: Atividade sobre o grau do substantivo na obra *Se liga na língua***



Fonte: Ormundo; Siniscalchi, 2018, p. 134

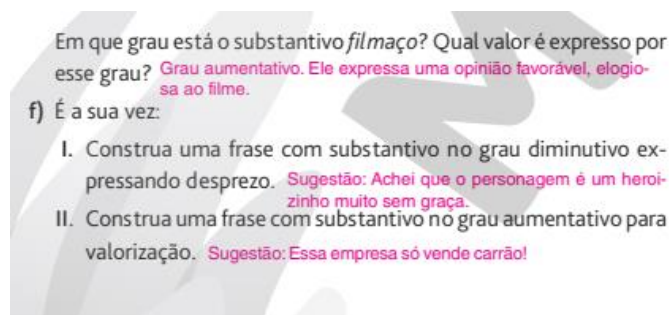
**Fig. 6: Atividade sobre o grau do substantivo na obra *Se liga na língua***



Fonte: Ormundo; Siniscalchi, 2018, p. 134

**Fig. 7: Atividade sobre o grau do substantivo na obra *Se liga na língua***





Fonte: Ormundo; Siniscalchi, 2018, p. 135

Em conjunto, os itens da questão 7 buscam estimular os alunos a refletirem sobre outros valores semânticos associados à graduação, particularmente ao emprego de sufixos graduadores. Nessa direção, contemplam os valores afetivo (*musiquinha*) e avaliativo (*filmaço*), além da especialização semântica (*quadrinhos*).

De modo semelhante à apresentação do grau dos substantivos, o grau dos adjetivos figura, no capítulo 5, logo após as informações relativas às flexões de gênero e de número, sob o rótulo de “variação”. Aqui, informa-se que os adjetivos variam, no âmbito do grau, em aumentativo e diminutivo, comparativo (de superioridade, de igualdade e de inferioridade) e superlativo (relativo de superioridade, relativo de inferioridade, absoluto sintético e absoluto analítico).

O grau superlativo absoluto sintético, único expresso por meio de sufixação, é exemplificado somente pela forma “*fortíssimo*” na frase “*O enfermeiro era fortíssimo*”. Ficam de fora da exposição, portanto, sufixos como “-érrimo” e “-imo”, formas igualmente prescritas pela tradição gramatical.

As atividades de fixação sobre esse tópico são pouco exploradas. A seção “O adjetivo na prática” é constituída por 7 questões, em duas das quais há itens relativos ao grau. Três delas constam da Atividade 5, a qual toma por base um fragmento do livro “PS Beije”, escrito por Falcão e Veríssimo, em que se mostra um e-mail trocado entre duas personagens, conforme mostra a figura 10:

**Fig. 10: Atividade sobre o grau do adjetivo na obra *Se liga na língua***

data: Sábado, 4 de janeiro, 21:11  
assunto: Os beijos que não darei!

Bia,  
Eu tenho quatro notícias importantíssimas:  
uma ótima, 😊  
uma mais que ótima, 😊  
uma ruim, 😞  
e outra horrível, 😱

😊 A ótima: a banda do meu irmão vai tocar na Segunda Desvairada!!  
Os meninos quase tiveram um ataque do coração quando o cara do bar ligou pra convidar. Eles foram chamados de última hora pra substituir uma outra banda punk.  
Eu não entendi direito, mas parece que o vocalista dessa outra banda mordeu um sapo no último show e foi parar no hospital.

😊 A mais que ótima: todos os amigos do meu irmão vão estar no show, inclusive o Bidu!!!! A Fabi me contou que ele andou perguntando coisas a meu respeito, querendo saber se eu estava namorando, se eu ia na Segunda e o que eu achava dele. Eu não estou namorando, vou na Segunda e acho ele um gato, o que torna ele um forte candidato ao meu primeiro beijo.

[...]

ADRIANA FALCÃO; MARIANA VERÍSSIMO. *PS Beije!*. São Paulo: Salamandra, 2004. p. 13.

a) A palavra *importantíssimas* foi usada para caracterizar as notícias que Lili daria a Bia. Que outra forma desse adjetivo corresponde ao mesmo grau? *Muito importantes.*

b) Lili usou o adjetivo *ótima*, que é uma forma do grau superlativo absoluto sintético. Como seria essa expressão na forma analítica?

c) Que adjetivo poderia ser usado no lugar da expressão *mais que ótima*, mantendo a progressão pretendida por Bia?

d) Que recurso não verbal Lili empregou para caracterizar as notícias?

e) Observe a explicação das notícias *ótima* e *mais que ótima*. De que forma a pontuação reforça a caracterização expressa pelo adjetivo e pela locução adjetiva?

5b. Muito boa.  
5c. Sugestões: incrível, excelente, magnífica, extraordinária.  
5d. Lili se valeu de emoticons, figuras que expressam emoções.  
5e. Na notícia *mais que ótima*, repete-se o ponto de exclamação quatro vezes, sugerindo uma fala ainda mais eufórica do que a expressa pelos dois pontos de exclamação que caracterizam *ótima*.  
5f. Verde, escorregadio e redondo descrevem características de um ser (um sapo, por exemplo).

Fonte: Ormundo e Siniscalchi, 2018, p. 159

Em “5a”, focaliza-se a correspondência entre a forma superlativa absoluta “importantíssima” e a superlativa analítica “muito importante”. Ignora-se, porém, que, em alguns contextos, a forma sintética pode representar maior nível de expressividade e/ou de formalidade (Silva, 2008).

Em “5c”, é solicitada a substituição da forma adjetiva “mais que ótima” por um adjetivo. Para tanto, espera-se que os estudantes compreendam que, em oposição ao uso do absoluto sintético “ótima”, a expressão “mais que ótima” intensifica um conteúdo já graduado (“ótimo” corresponde à forma superlativa de “bom”). Registra-se como orientação ao professor explorar outras possibilidades de substituição, a exemplo de “incrível”, “excelente”, “magnífica” e “extraordinária”. Ainda considerando a relação entre as formas “ótima” e “mais que ótima”, o item “5e” demanda que os alunos associem o uso de ponto de exclamação à maior expressividade, que, para o propósito comunicativo em questão, está diretamente relacionado ao conteúdo gradual.

Dadas as discussões feitas verificamos que a abordagem do grau nas obras *Tecendo linguagens* e *Se liga na língua* é feita de modo limitado. Primeiro por associar a categoria grau a determinadas classes gramaticais. Segundo, por usar palavras/termos isolados ou inseridos em textos tomados apenas como pretexto.

Terceiro, por desconsiderar nuances semânticas e propósitos comunicativos associados aos usos de formas graduadoras.

## **PROPOSTA DE TRABALHO EM SALA DE AULA**

Apresentamos, nesta seção, encaminhamentos para um trabalho com o tópico gramatical de que nos ocupamos à luz da perspectiva funcional de análise de fenômenos linguísticos e em consonância com as orientações curriculares oficiais (Brasil, 1998, 2018). Sugerimos que a proposta seja desenvolvida em turma do 8º ano do EF, visto que, conforme a BNCC, está previsto para essa série o estudo de estratégias de modalização e de argumentatividade, dentre as quais o uso de expressões de grau (Brasil, 2018, p. 181). Ainda em conformidade com as bases teóricas e diretrizes curriculares que sustentam nossa proposta, elegemos o texto como ponto de partida e de chegada. O empreendimento aqui sugerido pode dar-se por meio de diferentes formas de organização pedagógica, como é o caso da sequência didática (Dolz; Noverraz e Schneuwly, 2004; Lino de Araújo, 2013) e de projetos de letramento (Oliveira, Tinoco e Santos, 2014).

Consideramos, em nossa proposição, três textos como referência, dois dos quais publicados em jornais: uma caracterização de pontos turísticos, constante do caderno Turismo do Correio Braziliense, publicado em 29/08/2019; e uma notícia sobre a comemoração dos 133 anos do Cajueiro de Pirangi, em Parnamirim-RN, publicado em 20/12/2021, no site do G1. O terceiro texto consiste de uma postagem do Twitter, também relacionada ao Cajueiro de Pirangi, datada de 15/07/2020.

## Um senhor cajueiro e muitas histórias em Natal

A maior árvore do suculento fruto nasceu na capital potiguar e atrai milhares de visitantes por ano. Arte, ciência e acontecimentos históricos também são destaques no roteiro

Fernando Brito - Especial para o Correio. Postado em 29/08/2019 10:00



As belas praias não são as únicas atrações para os turistas que desembarcam em Natal. Conhecer as inúmeras histórias potiguares, que remontam aos tempos do descobrimento do país e que passam pela Segunda Guerra Mundial, acrescenta significativo conteúdo à viagem. Um início interessante para traçar esse roteiro pode ser a partir do município de Parnamirim, ao sul da capital do estado, onde se encontra o maior cajueiro do mundo e uma grande produção de artesanatos.

A árvore de mais de 130 anos impressiona pelos 8.500m de área que ocupa. Na década de 1980, chegou a produzir mais de 80 mil frutos por safra. Em uma contagem mais recente, realizada em 2015, a colheita caiu para 9 mil, em decorrência do natural envelhecimento da planta. Ainda assim, continua sendo um espécime de rara beleza, com galhos sinuosos que se elevam e se expandem em múltiplas direções, encantando o olhar dos visitantes.

Como continua em crescimento, o cajueiro provoca polêmicas. Os troncos invadiram uma rua vizinha e ameaçam chegar às casas. A comunidade e o governo local discutem se será necessário promover desapropriações de imóveis. Entre outros fatores, a medida se justificaria pela relevância econômica do cajueiro, responsável por cerca de 1.300 empregos diretos e indiretos na região. Há uma movimentada feira nos arredores e diversos profissionais especializados, de guias a biólogos, trabalham na manutenção do espaço, que cobra taxa de R\$ 8 por visita. "São várias questões em discussão, mas não podemos perder de vista que estamos falando de um ser vivo secular, que tantos bons frutos trouxe para essa terra", comenta o orientador turístico Alessandro Araújo, que há seis anos trabalha no local.

[...].

Texto 1

Disponível em:

[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/turismo/2019/08/29/interna\\_turismo,779556/um-senhor-cajueiro-e-muitas-historias.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/turismo/2019/08/29/interna_turismo,779556/um-senhor-cajueiro-e-muitas-historias.shtml). Acesso em 23 ago. 2023.

## Maior Cajueiro do Mundo, no RN, comemora 133 anos com programação cultural e entrada gratuita

Planta cobre uma área de 9.000 metros quadrados na praia de Pirangi do Norte, em Parnamirim, na Grande Natal.

Por g1 RN

20/12/2021 10h23 Atualizado há um ano



Cajueiro fica na praia de Pirangi do Norte, em Parnamirim, e cobre uma área de aproximadamente 8.500 metros quadrados, com um perímetro de aproximadamente 500 metros — Foto: Idema-RN

Um dos principais cartões-postais do Rio Grande do Norte, o Cajueiro de Pirangi - que tem o título de maior cajueiro do mundo - completa 133 anos nesta segunda-feira (20). Para comemorar a data, haverá o local recebe apresentações culturais, exposição de artesanato e shows musicais e a entrada é gratuita.



Maior cajueiro do mundo fica em Parnamirim, município da Grande Natal — Foto: Divulgação/Idema-RN

A árvore faz parte da vida da comunidade e do roteiro turístico dos visitantes do RN. O cajueiro recebe cerca de 300 mil visitantes por ano. Administrado pelo Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte (Idema), a árvore gigante entrou para o Guinness Book “O Livro dos Recordes”, em 1994, como o Maior Cajueiro do Mundo.

- Veja AQUI fotos do maior cajueiro do mundo

Para o diretor-geral do Idema, Leon Aguiar, esse é um momento especial em que devemos nos lembrar da importância que o Cajueiro de Pirangi tem para o povo potiguar. “Celebrar os 133 anos do Maior Cajueiro do Mundo é algo bastante simbólico para nós. Um local que tem toda sua importância biológica, e que atrai visitantes do mundo inteiro pela sua imponência. Devemos nos orgulhar em ter esse verdadeiro presente em nosso solo, e, principalmente, saber preservá-lo para que outras gerações possam ter a chance de conhecê-lo também”, comentou o diretor. [...]

Texto 2

Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2021/12/20/maior-cajueiro-do-mundo-no-rn-comemora-133-anos-com-programacao-cultural-e-entrada-gratuita.ghtml>. Acesso em 23 jan. 2023.



The image is a screenshot of a Twitter post. At the top, the user's profile is visible: a circular profile picture, the name 'dodó', and the handle '@\_dodsods'. The text of the tweet reads: 'pensando nele... o cajueiro de pirangi. 8 mil metros quadrados de uma única árvore. um planeta potiguar! vossa majestade cajueiro ❤️ um sonho conhecer-te, alteza.' Below the text is a large aerial photograph of a massive, dense green tree canopy that covers a large area, with buildings and roads visible around its edges. At the bottom left of the photo, the text 'ALT' is visible. Below the photo, the timestamp '6:20 PM · 15 de jul de 2020' is shown. Below the screenshot, the text 'Texto 3' is centered, followed by the availability information: 'Disponível em: [https://twitter.com/\\_dodsods/status/1283511819999551491](https://twitter.com/_dodsods/status/1283511819999551491). Acesso em 23 ago. 2023.'

Pontuamos que a escolha dos textos se deveu aos seguintes fatores: i) temática abordada: uma árvore singular, que constitui referência turística potiguar muito visitada; ii) variedade de gêneros textuais representados (informativo turístico, notícia e comentário); iii) previsibilidade na BNCC para a etapa da escolaridade considerada; iv) interesse coletivo e valorização regional. Em termos de campo de atuação, os textos situam-se no campo jornalístico-midiático e envolvem os eixos da leitura e da produção de textos. Vale notar, ainda, a sintonia com um dos objetivos relacionados ao campo jornalístico-midiático, qual seja, "...propiciar experiências que permitam desenvolver nos adolescentes e jovens a sensibilidade para que se interessem pelos fatos que acontecem na sua comunidade, na sua cidade e no mundo e afetam as vidas das pessoas..." (Brasil, 2018, p. 141).

Acompanhamos Bispo e Furtado da Cunha (2022) e Bispo e Cordeiro (2023) quanto às implicações relativas ao trabalho com textos autênticos em sala de aula em um viés sociointeracionista, no qual se baseia a proposta da BNCC. Esse trabalho envolve um amplo conjunto de fatores que contingenciam a produção e a recepção de textos em suas múltiplas manifestações, tais como: i) gênero em que se configura o texto, abarcando conteúdo temático, propósito comunicativo, estrutura composicional, estilo e suporte; ii) interlocutores: quem produziu, a quem o texto se dirige, contemplando as relações sociais de toda sorte entre os parceiros da interação; iii) contexto espaço-temporal: lugar da produção e da circulação do texto; momento sócio-histórico de sua produção/recepção; iv) linguagem utilizada: verbal, não verbal, verbo-visual, auditiva etc.; v) intertextualidade: diálogo com outro(s) texto(s).

Todos esses fatores devem ser levados em conta pelo docente ao explorar qualquer texto em sala de aula, conforme nos lembram Bispo e Cordeiro (2023). Registramos que, neste artigo, não nos ocuparemos de todos os itens elencados anteriormente dados os nossos objetivos e o espaço de que dispomos. Nossa atenção se volta à abordagem da categoria grau, com foco no uso em textos autênticos e no papel semântico-pragmático que desempenha. Nessa direção, é essencial discutir o conteúdo temático e o(s) propósito(s) comunicativo(s) dos textos de referência.

Também é oportuno reiterar que o trabalho com tópicos gramaticais deve estar inserido num conjunto mais amplo de atividades que visam ao desenvolvimento da competência comunicativa do aluno. Nesse sentido, deve concorrer para que o aluno tenha autonomia para (inter)agir, com proficiência, nas mais variadas situações comunicativas de que venha tomar parte, ajustando seu comportamento linguístico a cada uma delas (Bispo; Cordeiro, 2023). Dessa forma, a proposta aqui delineada implica, por exemplo, que o professor esteja trabalhando determinada temática com a turma em sua disciplina ou mesmo como parte de um projeto interdisciplinar, contemplando aspectos regionais e/ou locais. Além disso, pode estar ligada ao estudo de gêneros textuais do campo jornalístico-midiático, a exemplo dos que aqui selecionamos.

Dada essa contextualização, pontuamos alguns encaminhamentos metodológicos.

Sugerimos que o professor explore particularidades de cada texto, considerando a ordem em que foram apresentados (textos 1, 2 e 3). Nessa direção, o docente pode indagar, entre outras coisas, o conteúdo temático, a autoria, a quem se destina, onde e quando se deu a publicação, o propósito comunicativo. Nesse processo, destacamos a ênfase a ser dada à temática abordada nos três textos (o Cajueiro de Pirangi), e o propósito comunicativo implicado (caracterizar um ponto turístico norte-rio-grandense, informar a comemoração do aniversário desse ponto turístico com a programação, expressar a admiração diante das dimensões do cajueiro, respectivamente em 1, 2 e 3). Em todos os casos, destaca-se a singularidade da árvore: seu tamanho. A dimensão avantajada do Cajueiro de Pirangi é a característica mais marcante e o aspecto mais destacado nos textos. E é justamente nessa direção que propomos explorar a mobilização da categoria grau a serviço da descrição e da valorização da peculiaridade desse ponto turístico potiguar.

Recomendamos ao docente explorar com a turma, desde o título dos dois primeiros textos, elementos linguísticos que concorrem para expressar as proporções hiperbólicas da árvore. Os alunos seriam convidados a indicar que palavras e/ou expressões, em cada título e linha fina, fazem referência à extensão incomum do cajueiro. Assim, é provável que sejam mencionados os elementos “um senhor cajueiro” e “a maior árvore do suculento fruto”, para o texto 1, “Maior Cajueiro do Mundo” e “área de 9000 metros quadrados”, para o texto 2. É oportuno que o professor incite os alunos a refletirem sobre a ideia veiculada por *senhor* (um senhor cajueiro) e *maior* (maior árvore, Maior Cajueiro do Mundo) e sobre que conteúdo referencial eles incidem. A perspectiva é que a turma perceba que tais elementos atuam no encarecimento (gradação) do referente de *cajueiro* e *árvore*. Também é pertinente ao docente discutir com os alunos se há (ou não) diferença na caracterização do cajueiro por meio dessas três formas e, em havendo, em que consistiria essa diferença. A intenção é trabalhar nuances semânticas e pragmáticas implicadas em modos (ligeiramente) distintos de codificação do conteúdo gradual: um/a senhor/a X; a/o maior X; a/o maior X de Y. Entendemos que, para alguns alunos, o primeiro padrão pode ser desconhecido e, nesse caso, é necessário explorar o valor intensivo de *senhor/a* em situações semelhantes, a exemplo de *um senhor técnico de futebol*, *uma senhora casa*, *um senhor carro*, em que se

intensificam propriedades dos referentes de *técnico* (a experiência, o conhecimento, o êxito), *casa* (extensão, beleza, conforto, requinte, valor) e *carro* (categoria, motorização, beleza, conforto, variedade de acessórios, valor). Para esse trabalho, parte da turma pode contribuir fornecendo exemplos do uso de *senhor* como intensificador.

Além do título, cabe ao professor solicitar aos alunos que identifiquem, ao longo dos textos, outros elementos de valor graduador a serviço da caracterização do ponto turístico potiguar em tela. Espera-se, com isso, que sejam indicados “maior cajueiro do mundo” e “grande produção de artesanato”, no texto 1; “a árvore gigante”, “bastante simbólico”, “toda a sua importância”, no texto 2. Podem ainda ser citadas as expressões “aproximadamente 8500 metros quadrados” e “aproximadamente 500 metros”, relativos à área e ao perímetro da árvore, respectivamente, constantes da legenda da primeira foto do texto 2. O docente deve discutir com a turma a possível motivação para o emprego desses elementos e sua contribuição para a semântica dos textos. Também é oportuno mobilizar os alunos a observarem que itens linguísticos, em cada caso, marcam o efeito graduador. A expectativa é que percebam o papel de *maior*, *grande*, *gigante*, *bastante*, *toda* e *aproximadamente* para esse efeito. É oportuno ao professor explorar peculiaridades de cada um desses itens. *Maior* e *gigante* são formas já intensificadas, mobilizadas para graduar o referente de *cajueiro* e *árvore*, com foco na propriedade dimensiva; no caso de *maior*, convém destacar o uso associado à expressão *do mundo*, constituindo o padrão *maior X do mundo*. *Grande* encarece o conteúdo de *produção de artesanato*, focalizando o aspecto quantitativo; *toda* atua sobre o conteúdo de *a sua importância*, num misto de quantificação e intensidade; *bastante* veicula valor intensivo sobre a semântica do adjetivo *simbólico*; *aproximadamente* escalona a dimensão do cajueiro, tomando um valor quantitativo, em termos de área e comprimento, como referência.

Identificadas as expressões graduadoras referidas e as nuances semânticas a elas associadas, é oportuno ao docente explorar o papel que desempenham para o sentido dos textos e para seu(s) propósito(s) comunicativo(s). A ideia é que a turma seja convidada a pensar a respeito, de modo a perceber que, ao serem utilizadas, tais expressões contribuem para a caracterização do ponto turístico destacado em termos de uma referência marcante do Rio Grande do Norte. Essa

caracterização está diretamente relacionada aos propósitos comunicativos implicados e já mencionados anteriormente, os quais envolvem a valorização do Cajueiro de Pirangi e o estímulo à sua visita.

No que diz respeito ao texto 3, ele é bastante rico em expressões que destacam a natureza hiperbólica do Cajueiro. Nessa direção, é indicado ao professor solicitar aos alunos identificar que elementos linguísticos são empregados para esse destaque. Provavelmente, serão mencionados os termos “planeta potiguar”, “vossa majestade cajueiro” e “alteza”, utilizados para designação da ou referência à árvore. Também podem ser referidas as expressões “8 mil metros quadrados de uma única árvore” e “um sonho conhecer-te”, mobilizadas para dar ênfase à significativa extensão territorial ocupada pela planta e à experiência singular de conhecer esse ponto turístico, respectivamente. É importante o professor explorar o papel de cada um(a) do(a)s termos/ expressões, relativamente ao conteúdo do texto e a seu propósito comunicativo. No caso do *post* do Twitter, é possível notar a manifestação de subjetividade em termos de admiração, espanto por parte do visitante. Para tanto, é necessário analisar a acepção de *planeta*, *majestade* e *alteza*, questionando aos alunos por que tais elementos foram usados e o que significam nesse contexto. A ideia é fazê-los perceber que as escolhas lexicais estão associadas a grande extensão, no caso de *planeta*, e a imponência, suntuosidade, no caso de *majestade* e *alteza*. Os três elementos estão relacionados à ideia de graduação, uma vez que são utilizados para expressar e/ou enfatizar o tamanho exagerado do ponto turístico de Pirangi em relação a outras árvores da mesma espécie.

Após essa varredura nos três textos, sugerimos que o professor chame a atenção da turma para a variedade de modos de expressão do conteúdo gradual. Para tanto, é oportuno sistematizar os diferentes itens e expressões encontrados.

É igualmente oportuno ao professor explorar com os alunos mais possibilidades de aplicação do grau a determinados conteúdos. No caso em tela, cabe discutir, por exemplo, que outras formas linguísticas poderiam ser utilizadas em lugar de *senhor* (em *um senhor cajueiro*), *maior* (na expressão *a maior árvore do suculento fruto*) e *planeta* (no sintagma *um planeta potiguar*) ou mesmo que outras expressões poderiam substituir as que foram empregadas nos três textos. Sugerimos que o docente incite a turma a indicar diferentes modos de veicular o conteúdo gradual nesses casos e a cotejá-los com as formas empregadas nos

textos analisados, identificando diferenças semânticas e pragmáticas. Nessa direção, podem ser mencionados termos como *grande*, *grandioso(a)*, *grandiosíssimo(a)*, *enorme*, *imenso*, *gigante(sco)*, *monstro*, *mega*, *super*, *mundo*, entre outros. Também podem ser citadas estratégias de natureza fonético-fonológica, como o alongamento de vogais (graaaande, imeeeenso, enooooorme), a ênfase silábica (seNHOR, eNORme, SUper) e a silabação (GRAN-DE, E-NOR-ME, PLA-NE-TA). Podem ainda ser referidas expressões do tipo *um/a cajueiro/árvore/planta de milhões*, *um/a cajueiro/árvore/planta pra lá de grande*, *um/a cajueiro/árvore/planta grande de assustar* etc., e até mesmo formas com palavras tabu, a exemplo de *um/a cajueiro/árvore/planta (grande) da/prá porra/caralho*. A ideia é que o professor organize as diversas possibilidades indicadas pelos alunos e analise com eles as nuances semânticas implicadas, além dos aspectos pragmáticos envolvidos, entre os quais destacamos os propósitos comunicativos e a adequação dos termos apontados à situação comunicativa.

Um aspecto importante a ser tratado diz respeito ao elemento sobre o qual recai o conteúdo gradual. Via de regra, conforme discutimos em seções prévias, associa-se o grau às categorias substantivo (aumentativo, diminutivo), adjetivo e advérbio (comparativo e superlativo). Contudo, assumimos com Silva (2014) que o grau é uma categoria semântico-cognitiva e discursivo-pragmática que incide sobre um conteúdo referencial, uma propriedade/condição, estado, qualidade, sobre um evento ou estado de coisas ou sobre uma circunstância. Nessa direção, em *um senhor cajueiro e a maior árvore do succulento fruto* (texto 1), o que se gradua é a dimensão do referente de *cajueiro*; em *grande produção de artesanato* (texto 2), a propriedade graduada é a quantidade da produção artesanal; já na expressão *bastante simbólico* (texto 2), há incremento semântico no conteúdo do adjetivo *simbólico*, o qual se refere à relevância cultural e econômica do Cajueiro de Pirangi.

No rol de elementos linguísticos mobilizados para a explicitação de propriedades dimensionais do cajueiro, os alunos devem ser instados a elencar outros constantes ao longo dos textos. Assim, poderão mencionar, relativamente ao texto 1, a expressão “o maior cajueiro do mundo” (primeiro parágrafo), os quantitativos 8500m, referentes à área ocupada pela árvore, 80 mil, atinente à quantidade de frutos colhidos na década de 1980, e 1300, que diz respeito ao número de empregos gerados, direta ou indiretamente. Também podem ser citadas as expressões “rara

beleza” e “encantando o olhar dos visitantes”, que se voltam à ênfase da singularidade do aspecto visual, e “tantos bons frutos”, que enaltece a importância (sobretudo econômica) do cajueiro para o estado do RN. Orientamos o professor a destacar que esses vários elementos compõem o cenário de supervalorização do ponto turístico focalizado e serve, no contexto de produção e recepção do texto, para estimular a visita.

Além dos elementos linguísticos de função graduadora e de outros a eles associados nos textos de referência, recomendamos que o professor também explore a utilização de recursos não verbais, como é o caso das imagens. Lembramos que as três peças de comunicação aqui consideradas são produções verbo-visuais. O docente, assim, deve instigar os alunos a fim de que eles se questionem sobre o impacto da imagem do Cajueiro de Pirangi em cada produção. Nesse caso, é esperado que os estudantes correlacionem os elementos graduadores ao valor de referência das imagens em seus respectivos textos. Tal correlação guiará os discentes à conclusão de que as fotografias da árvore confirmam o sentido de grandiosidade indexado aos elementos graduadores, já que o Cajueiro é, factualmente, de grande dimensão, o que leva aqueles que o visitam a um estado de admiração e, até mesmo, de perplexidade.

Ainda na esteira da associação entre os elementos verbais e o visual, a reflexão sobre o uso das imagens contribui para que os estudantes assimilem a importância desses signos não verbais para a construção dos sentidos e para os objetivos comunicativos dos textos considerados. Nos textos 2 e 3, a observação da foto do Cajueiro e, em especial, a comparação entre a extensão da árvore e o tamanho de outros elementos presentes na figura, como casas, automóveis e pessoas, destaca, nitidamente, as dimensões avantajadas da planta. No caso do informativo turístico, a imagem estimula o turista para a visita do lugar; no que diz respeito à notícia, ilustra a localidade a respeito da qual se noticia algo (a comemoração dos 133 anos); por fim, no comentário da rede social Twitter, a imagem confirma as descrições que qualificam o referente comentado.

Explorados os vários elementos graduadores presentes nos textos, sua relação com o recurso visual, seus valores semânticos, sua contribuição para o sentido dos textos em que ocorrem e para seus fins comunicativos, sugerimos que o professor proceda à sistematização do conteúdo estudado. Trata-se do momento de organizar

os achados decorrentes da análise dos recursos linguísticos com função graduadora (*um senhor cajueiro, a maior árvore do succulento fruto, um planeta potiguar, a árvore gigante, grande produção de artesanato, bastante simbólico etc.*), recorrendo à terminologia corrente na descrição linguística proposta para o trabalho com fenômenos linguísticos na Educação Básica. Nesse caso, deve-se utilizar o termo *grau* e mencionar as categorias gramaticais que codificam os conteúdos graduados (substantivo, adjetivo, verbo, advérbio, oração, período etc.) em conformidade com a etapa da escolaridade, com o planejamento feito e com a realidade da turma na qual a proposta será empreendida. Destacamos, porém, que a graduação deve ser vista com os alunos como uma estratégia de que se valem os falantes da língua para encarecer, de forma escalar, seja em direção ascendente, seja em direção descendente, um determinado conteúdo (um referente, uma condição/ propriedade/ qualidade, uma circunstância, uma proposição) para o alcance de determinados fins comunicativos.

A culminância da proposta aqui delineada deve contemplar atividades de produção e/ou de recepção de texto(s). Desse modo, recomendamos ao professor finalizar o estudo da categoria grau com uma produção textual (escrita, oral, multimodal, multissemiótica) do gênero contemplado no planejamento da turma e diretamente relacionada ao conteúdo dos textos de referência para esse estudo.

Dada a multiplicidade de modos de expressão do grau, os diferentes conteúdos sobre os quais essa categoria incide e as nuances semântico-pragmáticas a ela relacionadas, destacamos a necessidade de que o trabalho aqui sugerido se dê de forma gradativa. Cabe ao professor definir o tempo para esse trabalho, bem como fazer os devidos ajustes do que aqui propusemos, tendo em vista o planejamento do componente curricular e a realidade da turma.

## **CONDIDERAÇÕES FINAIS**

À luz da perspectiva funcionalista, discutimos o tratamento do grau em LDP do Ensino Fundamental adotados na rede pública potiguar. Além disso, apresentamos proposta didática de abordagem dessa categoria a ser desenvolvida em turma do 8º ano.

A análise dos LDP permitiu-nos verificar que a graduação é abordada de modo restrito e pouco produtivo, reproduzindo a perspectiva da tradição gramatical. Nessa direção, vincula o fenômeno à flexão/variação de algumas classes de palavras, limitando, portanto, o entendimento da aplicação do grau e seu escopo. Além disso, desconsidera a multiplicidade de formas de expressão do grau, sua multifuncionalidade semântica e pragmática em usos efetivos da língua.

Na esteira da interface LF e ensino de LP, propusemos encaminhamentos para o trabalho com o grau em sala de aula, contemplando seu funcionamento em textos efetivos. Nessa direção, sugerimos que o docente explore os diferentes recursos linguísticos para expressão do grau, buscando identificar, primeiramente, a sua funcionalidade para o conteúdo temático e para os fins comunicativos do(s) texto(s) em que ocorrem. Em seguida, orientamos a compilação dos diferentes mecanismos linguísticos recrutados para a codificação do conteúdo gradual e dos elementos sobre cuja semântica incide a graduação.

Registramos que a proposta didática aqui exposta possibilita uma aprendizagem (mais) significativa da categoria focalizada. Primeiro, por tomar como referência textos autênticos para a reflexão sobre os usos linguísticos, levando em conta todos os fatores que circunstanciam qualquer peça de interação. Acrescentamos o fato de a temática dos textos selecionados estar diretamente relacionada à realidade dos estudantes e à valorização da cultura local. Segundo, por oportunizar uma compreensão mais ampla e consistente do funcionamento da língua a serviço de funções semânticas e pragmáticas em, pelo menos, dois aspectos: i) percebendo a incidência da graduação sobre determinados conteúdos, além de nuances semânticas implicadas (dimensão, intensidade, quantidade etc.); ii) discutindo a contribuição do grau para o sentido e para os fins comunicativos dos três textos analisados. Terceiro, por focalizar uma visão integrada dos níveis da língua (fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático) e permitir uma compreensão mais ampla da categoria estudada, sem restringi-la ao âmbito da flexão de algumas classes gramaticais.

Destacamos, por fim, a relevância de um ensino calcado em pressupostos funcionalistas, segundo os quais há uma estreita relação entre os usos linguísticos e as funções a que servem na interação discursiva. Essa perspectiva guarda consonância com as diretrizes oficiais para o ensino de Língua Portuguesa no Brasil.

Os encaminhamentos aqui sugeridos para a abordagem do grau em sala de aula podem ser tomados como referência para o tratamento de outros tópicos gramaticais em turmas da Educação Básica.

## Referências

ALMEIDA, N. M. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1999.

AMURIM, M. E. L. da C. **Pronome relativo**: articulação oracional e produção escrita. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal, 2018.

ANTUNES, I. Refletindo sobre a aula de Português. *In*: ANTUNES, I. **Aula de Português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 19-39.

ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

BISPO, E. B. Oração adjetiva cortadora: análise de ocorrências e implicações para o ensino de português. **Linguagem & Ensino**, v. 10, n. 1, p. 163-186, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/15654>. Acesso em 22 set. 2023.

BISPO, E. B. **Estratégias de relativização no português brasileiro e implicações para o ensino**: o caso das cortadoras. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências, Letras e Artes, Departamento de Letras, Natal, 2009.

BISPO, E. B.; CORDEIRO, F. da S.; LUCENA, N. L. de. Funcionalismo linguístico e ensino de português: convergências, possibilidades e prática docente. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 192–207, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/29367>. Acesso em: 20 set. 2023.

BISPO, E. B.; FURTADO DA CUNHA, M. A. “Não tomar partido é tomar partido”: *chunks* e ensino de língua portuguesa. *In*: OLIVEIRA, M. R.; WILSON, V. (org.). **Discurso e gramática**: entrelaces e perspectivas. Curitiba: CRV, 2022. p. 137-158.

BISPO, E. B.; CORDEIRO, F. S. Morfossintaxe na sala de aula sob o viés funcionalista: elementos circunstanciais em foco. *In*: OLIVEIRA, M. R.; LOPES, M. G. (org.). **Funcionalismo linguístico: interfaces**. 1ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2023, v. 1, p. 291-326.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2018.

BRITO, F. Um senhor cajueiro e muitas histórias em Natal. **Correio Braziliense**, Brasília, 19 ago. 29. Disponível em: [https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/turismo/2019/08/29/interna\\_turismo\\_779556/um-senhor-cajueiro-e-muitas-historias.shtml](https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/turismo/2019/08/29/interna_turismo_779556/um-senhor-cajueiro-e-muitas-historias.shtml). Acesso em: 23 ago. 2023.

BYBEE, J. L. **Language, usage and cognition**. Cambridge: United Kingdom University Press, 2010.

CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DODÓ. **pensando nele... o cajueiro de pirangi. 8 mil metros quadrados de uma única árvore. um planeta potiguar! vossa majestade cajueiro [...]**. 15 jul. 2020. Twitter: @\_dodsdods. Disponível em: [https://twitter.com/\\_dodsdods/status/1283511819999551491](https://twitter.com/_dodsdods/status/1283511819999551491). Acesso em: 23 ago. 2023.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.

DU BOIS, J. W. Competing motivations. *In*: HAIMAN, J. (ed). **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985, p. 343-365.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. *In*: MARTELOTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Relações sintático-semânticas da oração. *In*: PALOMANES, R.; BRAVIN, A. M. (org.). **Práticas de ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 143-164.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso e ensino de português. **Gragoatá**, v. 19, n. 40, p. 80-104, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/32985>. Acesso em: 12 ago. 2023.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. *In*: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 21-48.

GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. Cascavel: Assoeste, 1984.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GONÇALVES, C. A. Flexão e derivação: o grau. *In*: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. R. (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007. p. 149-168.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico**. 7 ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2010.

LINO DE ARAÚJO, D. O que é (e como faz) sequência didática? **Entrepalavras**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 322-334, maio 2013. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/148>. Acesso em: 06 set. 2023.

MAIOR Cajueiro do Mundo, no RN, comemora 133 anos com programação cultural e entrada gratuita. **G1**, Natal, 21 dez. 20. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2021/12/20/maior-cajueiro-do-mundo-no-rn-comemora-133-anos-com-programacao-cultural-e-entrada-gratuita.ghtml>. Acesso em: 23 jan. 2023.

MARTELOTTA, M. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. *In*: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.199-226.

NEVES, M. H. de M. **Ensino de gramática e vivência de linguagem** – temas em confronto. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. Os PCN à luz do funcionalismo linguístico. **Linguagem & Ensino**, v. 10, n. 1, p.87-108, jan./jun. 2007. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/15651>. Acesso em 01 set. 2023.

OLIVEIRA, M. do S.; TINOCO, G. A.; SANTOS, I. B. de A. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna**. 2. ed., Natal: EDUFRN, 2014. 116 p. Disponível em: <http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/1/11787/1/E-book%20Projetos%20de%20letramento.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2023.

OLIVEIRA, T. A.; ARAÚJO, L. A. M. **Tecendo linguagens**: língua portuguesa: 6º ano. Barueri: IBEP, 2018.

ORMUNDO, W.; SINISCALCHI, C. **Se liga na língua**: leitura, produção de texto e linguagem. São Paulo: Moderna, 2018.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

SILVA, C. R. de O. **Metodologia e organização do projeto de pesquisa** (Guia prático). Fortaleza-CE: Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará, 2004.

SILVA, J. R. **Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal, 2008.

SILVA, J. R. **O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso**. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, L. M. **Abordagem funcionalista da oração adjetiva: descrição e ensino**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal, 2020.

## Sobre os autores

### Edvaldo Balduino Bispo

Pós-doutorado em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com apoio da Faperj. Doutorado e Mestrado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente é Professor Associado da UFRN e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL). Membro da ANPOLL, da ABRALIN e do GELNE, foi Coordenador do GT Descrição do Português da ANPOLL, biênio 2016-2018. É Editor-chefe da Revista do GELNE e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Líder do grupo *Discurso & Gramática* (D&G)/UFRN, seus temas de interesse voltam-se à morfossintaxe do português e ao ensino de língua portuguesa sob a perspectiva da Linguística Funcional de vertente norte-americana e da Linguística Funcional Centrada no Uso.

### Tiago Caian

Mestrando em Estudos da Linguagem, especialista em Fundamentos Linguísticos para o Ensino da Leitura e da Escrita e licenciado, com láurea acadêmica, em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, em todos os casos, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Faz pesquisa no escopo da Linguística Funcional Centrada no Uso, englobando descrição gramatical do português e ensino de língua materna. Atualmente, é professor efetivo de Língua Portuguesa pela Secretaria de Educação de São Gonçalo do Amarante e é professor substituto no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Também é membro da ABRALIN e do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* (D&G)/UFRN.

### Ronan Felipe Mafra

Mestrando em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN), especialista em Fundamentos Linguísticos para o Ensino da Leitura e da Escrita (UFRN) e licenciado em Letras - Língua Portuguesa, também pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Desenvolve pesquisa em Linguística Funcional e possui interesse em temas relacionados à descrição e ao ensino de Gramática. Também é integrante do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* (D&G)/UFRN.